

UMA BULA (1) DE OURO ENCONTRADA EM PORTUGAL

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

e

O. DA VEIGA FERREIRA

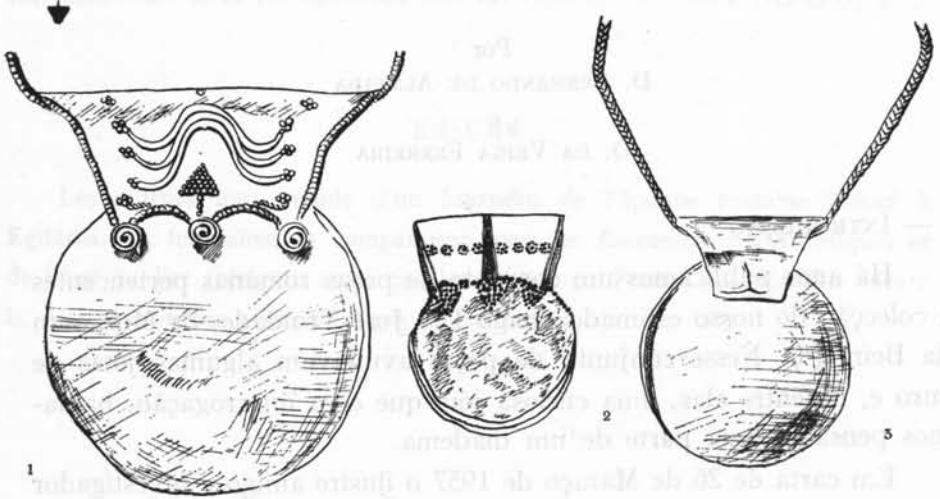
I — INTRODUÇÃO

Há anos publicámos um conjunto de peças romanas pertencentes à colecção do nosso estimado amigo Dr. José Trindade, de Monsanto da Beira (2). Nesse conjunto de peças avultavam algumas jóias de ouro e, de entre elas, uma curiosa jóia que com interrogação, havíamos pensado fazer parte de um diadema.

Em carta de 26 de Maraço de 1957 o ilustre amigo e investigador vimaranense Senhor Coronel Mário Cardozo deu-nos conta de uma indicação muito amável do especialista espanhol António Blanco Frei-

(1) A *bulla* significa um objecto de forma arredondada e que na antiguidade se applicava a diversas coisas. Era utilizada para servir de pendente das orelhas e de uma espécie de ornamento destinado às crianças e mulheres de qualidade. É esta, aliás, a acepção mais corrente e precisa da sua applicação. Este objecto redondo e espalmado também se usava sobre o peito por meio dum cordão suspenso do pescoço. Foi usado também sobre a fronte das crianças. Estas *bullae* eram quase sempre ornamentadas com diversos motivos e apresentavam várias formas incluindo a de coração. Não eram só de ouro, tendo-se encontrado também em prata e noutros metais além do marfim, do couro, etc. (Plínio, XXXIII, 4). Valério Máximo fala de estatuetas ornadas de *bullae*. Reconheceu-se o seu emprego em figuras nos baixos-relevos de túmulos. (A. Rich).

(2) D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, «Antiguidades de Monsanto da Beira», *Revista de Guimarães*, Vol. LXVI, Guimarães, 1966.



1 — Bula de Herculanium.
 2 — Bula de Monsanto da Beira.
 3 — Bula de Ostia.

jeiro, chamando a atenção para a jóia e considerando-a uma raridade como adiante se verá.

Transcrevemos com muito gosto a carta amiga do Senhor Coronel Mário Cardozo na parte que diz respeito à jóia citada: «Agora quero apresentar-lhe uns informes interessantes. Eu correspondo-me com um conservador do Museu do Prado, de Madrid, estudioso muito competente e arqueólogo, que se dedica a coisas de arqueologia artística e designadamente ao estudo da joalheria antiga. Recebendo ele a Revista de Guimarães, enviou-me carta, da qual reproduzo o trecho seguinte, que muito deve interessar ao meu amigo e ao D. Fernando de Almeida. Este investigador é o António Blanco Freijeiro. Conhece-o? Aí vai a prosa:

«Me ha parecido muy importante ese conjunto de antigüedades de Monsanto publicado por Almeida y Veiga Ferreira. Hay en el una base estupenda para fechar vários tipos de cerámica doméstica de mediados del siglo I d. C. Espero que con una observación mia no herise en lo más mínimo el pundonor de sus autores, pues mi ánimo no abriga tal intención ni el mérito de su publicación puede someterse a crítica, si no es puramente amistosa. Con todas las reservas, me atreveria a sugerir que el objecto descrito en la pag. 419 (n.º 1) e ilustrado en la Est. V, fig. 3, no es un diadema, como ellos sinalam con interrogante, sino una *bulla* de la forma en que fué hallada y de gran interés por ser la primera y única *bulla* de oro hallada en la Península, y por añadidura fechada por el contexto. Por si a los autores pudiera interesarle, adjunto algunos paralelos italianos de mediados del siglo I d. C. que si Vd. estima oportuno

«*Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*») reproduz o desenho dum baixo-relevo em terra-cota que figura uma criança indo para a escola tendo *tablette* ao pescoço com uma *bulla*. A tradição faz remontar aos Egípcios o uso das *bullae* e parece certo que os Romanos a tomaram aos Etruscos como tudo o que estava ligado à religião. Os Romanos consideravam a *bulla* de ouro como distinção ou símbolo de vitória e honra. Plínio, o naturalista, recorda que alguns autores mais antigos atribuíam às *bullae* o carácter de amuleto contra a inveja. Normalmente, os jovens traziam a *bulla* até à idade de poderem envergar a toga.

Plínio relata que a *bulla* de ouro era usada pelos filhos jovens dos grandes magistrados e, duma maneira geral, o seu uso significava o poderio da família. Mais tarde as *bullae* de ouro ou de chumbo passaram a servir de selo que autenticava os documentos em especial os assinados pelo Papado.

puede hacer llegar a sus manos como cosa suya (dibujos de *bullae* tomados de Becatti, «Oreficerie antiche... lam. CXLIV») (2).

Por várias razões, a principal a falta de tempo e muito trabalho, só agora nos é possível dar conhecimento público destes factos e de apresentarmos a jóia classificada como deve ser, devido, não só à grande estima do Senhor Coronel Mário Cardozo, como também à preciosa e desinteressada informação do grande especialista espanhol Blanco Freijeiro que, ainda por cima, é de grande correcção e lhaneza de todo o apreço, o que agradecemos muitíssimo.

II — COMPARAÇÃO DA JÓIA DE MONSANTO COM OUTRAS DA MESMA ÉPOCA. CRONOLOGIA

Conforme indicou Blanco Freijeiro existem outras *bullae* de ouro fora da Península. Reproduzimos os decalques fornecidos por Freijeiro. Na realidade parece não haver na Península outra *bullae* de ouro a não ser a de Monsanto.

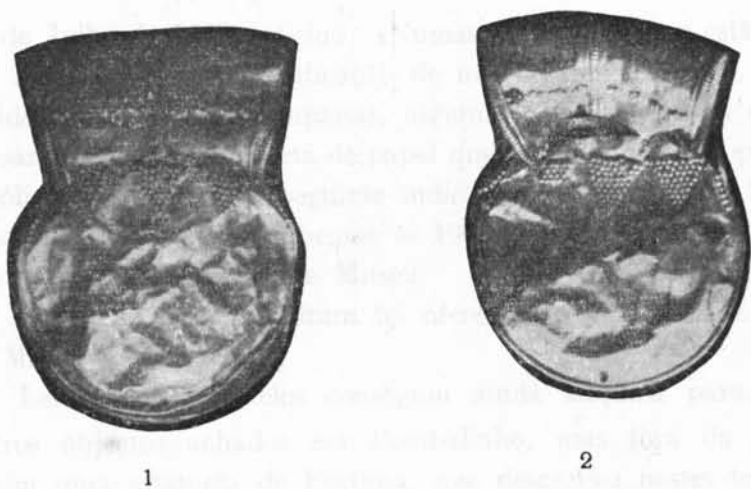
Como se vê na gravura e desenho que reproduzimos, a jóia de S. Lourenço (Monsanto) é mais pequena, mais fina de trabalho, mas a forma geral e alguns dos motivos da ornamentação são semelhantes aos das *bullae* italianas. Veja-se, por exemplo, os enfeites perlados da *bullae* de Herculanium que se assemelham extraordinariamente aos da *bullae* de Monsanto.

A *bullae* de Ostia é mais simples e com forma algo diferente no sistema de suspensão. Em todo o caso trata-se do mesmo tipo de jóia. A de Monsanto é constituída por duas faces iguais que se dobram pela parte superior numa falsa charneira direita. Na parte inferior existe um orifício para, por meio dum perno ou fio, ajustar as duas valvas redondas. Nos desenhos enviados por Blanco Freijeiro não vemos isso, ficando com a impressão de que o sistema de inserção da valva redonda com o resto da peça é diferente.

(2) Giovanni Becatti, «Oreficerie antiche dalle Minoiche alle Barbariche». Roma, 1955.

De qualquer modo apresentamos estes termos de comparação únicos que conseguimos devido à muita generosidade do especialista espanhol.

Agradecemos mais uma vez ao Ilustre Amigo Sr. Coronel Mário Cardozo esta oportunidade de dizermos mais algumas palavras sobre a rara jóia de ouro de Monsanto da Beira que marca uma data precisa na cronologia lusitano-romana da Península: meados do Século I d. C.



1 e 2 — Anverso e reverso da «bulla» de ouro de Monsanto da Beira

RÉSUMÉ

Description d'une «bulla» en or du I.^{er} siècle, la seule trouvée, jusqu'à présent, dans la Péninsule Ibérique.

...do aparelho digestivo, sendo que a digestão é feita no estômago e no intestino delgado. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago.

Por isso, a digestão é feita no estômago e no intestino delgado. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago.

II—Comparação da digestão no Monaca e no Homem na idade de 10 e 20 Anos.

Conforme se vê na figura, a digestão é feita no estômago e no intestino delgado. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago.

A digestão é feita no estômago e no intestino delgado. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago. A digestão é feita por meio de enzimas que são produzidas pelo pâncreas e pelo estômago.